



## ENTREVISTA COM JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: POÉTICA DA NARRATIVA, LIRISMO E FORMA BREVE

### INTERVIEW WITH JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: POETICS OF NARRATIVE, LYRICISM, AND SHORT FORM

Luciana Ferreira Leal

<https://orcid.org/0000-0002-7139-6765>

**Resumo:** Este texto analisa uma entrevista concedida por João Anzanello Carrascoza em dezembro de 2025 com o objetivo de compreender os fundamentos de sua poética narrativa, marcada pelo lirismo, pela forma breve e pela valorização da experiência sensível da leitura. Parte-se do pressuposto de que a entrevista de um escritor constitui um espaço discursivo privilegiado de elaboração teórica sobre a própria prática literária. O método adotado consiste em uma análise qualitativa e interpretativa das respostas do autor, articulada a um referencial teórico voltado às relações entre prosa e poesia, à narrativa breve e à experiência estética, com destaque para contribuições de Octavio Paz e Massaud Moisés. Os resultados evidenciam que a formação poética de Carrascoza exerce papel central em sua escrita em prosa, influenciando o ritmo, a economia verbal e a intensidade expressiva de suas narrativas. A análise também demonstra que o autor concebe a forma breve como estratégia estética que potencializa o silêncio, a elipse e a participação ativa do leitor na construção do sentido. Ademais, observa-se uma concepção ética da literatura, entendida como prática de desaceleração, escuta e resistência à lógica da urgência contemporânea. Conclui-se que a entrevista revela uma poética coerente e consistente, na qual linguagem e experiência vital se articulam de modo indissociável, reafirmando a literatura como espaço de reflexão sensível, encontro e humanização.

**Palavras-chave:** Entrevista; Poética da narrativa; Forma breve.

**Abstract:** This text analyzes an interview given by João Anzanello Carrascoza in December 2025 with the aim of understanding the foundations of his narrative poetics, marked by lyricism, brevity, and an appreciation for the sensory experience of reading. It starts from the assumption that an interview with a writer constitutes a privileged discursive space for theoretical elaboration on literary practice itself. The method adopted consists of a qualitative and interpretative analysis of the author's responses, articulated with a theoretical framework focused on the relationships between prose and poetry, short narrative, and aesthetic experience, with emphasis on contributions by Octavio Paz and Massaud Moisés. The results show that Carrascoza's poetic training plays a central role in his prose writing, influencing the rhythm, verbal economy, and expressive intensity of his narratives. The analysis also demonstrates that the author conceives the short form as an aesthetic strategy that enhances silence, ellipsis, and the reader's active participation in the construction of meaning. Furthermore, an ethical conception of literature is observed, understood as a practice of deceleration, listening, and resistance to the logic of contemporary urgency. It is concluded that the interview reveals a coherent and consistent poetics, in which language and vital experience are inextricably linked, reaffirming literature as a space for sensitive reflection, encounter, and humanization.

**Keywords:** Interview; Poetics of narrative; Short form.

A obra de João Anzanello Carrascoza ocupa lugar de destaque na literatura brasileira contemporânea, especialmente pela construção de uma prosa marcada pela concisão, pela densidade lírica e pela atenção às experiências ordinárias da vida. Seus textos, frequentemente associados ao conto breve, ao microconto e à narrativa condensada, revelam uma escrita que tensiona as fronteiras entre prosa e poesia, colocando em evidência o papel da linguagem, do silêncio e da interioridade na constituição do sentido literário.

João Anzanello Carrascoza nasceu em Cravinhos (SP), em 1962, e construiu uma trajetória literária marcada pela diversidade de gêneros e públicos. Autor de romances, contos e obras destinadas ao público infantil, juvenil e adulto, teve sua formação leitora despertada ainda na infância, influenciada pelas histórias contadas pelo pai e pelo contato com a biblioteca familiar. Formado em Publicidade, atuou por quase três décadas como redator publicitário em grandes agências do país, experiência que dialoga com a concisão e o rigor formal de sua escrita literária. Mestre e doutor pela Universidade de São Paulo, atualmente dedica-se à docência na USP e na ESPM, conciliando a atividade acadêmica com a produção literária. Com mais de setenta livros publicados, sua obra foi reconhecida por importantes prêmios nacionais e internacionais, como Jabuti, Candango, Fundação Biblioteca Nacional, FNLIJ, Radio France e White Ravens, além de contar com traduções para diversos idiomas.

Neste texto, propõe-se uma análise crítica de uma entrevista concedida por Carrascoza, tomando suas respostas como material de reflexão teórica sobre sua poética. Parte-se do pressuposto de que a entrevista de um escritor deve ser lida como um espaço discursivo no qual o autor elabora, conceitua e problematiza sua própria prática literária. Assim, as falas de Carrascoza são analisadas como enunciados que explicitam concepções sobre gênero, linguagem, processo criativo, leitor e função da literatura no mundo contemporâneo.

O objetivo do trabalho é compreender de que modo o autor constrói uma visão coerente da literatura como experiência sensível, ética e estética, articulando temas recorrentes, escolhas formais e uma postura crítica diante da aceleração e da fragmentação do tempo moderno. A análise organiza-se em torno de eixos centrais identificados na entrevista: a formação poética do autor, o hibridismo de gêneros, a centralidade da forma breve, a relação entre linguagem e experiência vital, a figura do leitor e o papel da literatura na contemporaneidade.

A análise fundamenta-se em reflexões teóricas sobre a relação entre poesia e prosa, a forma breve e a experiência da leitura, mobilizadas de modo pontual e articuladas à interpretação da entrevista. Parte-se da compreensão de que a

poeticidade pode constituir um princípio estruturante da narrativa, manifestando-se no ritmo, na economia verbal e na densidade expressiva do texto literário.

Nesse sentido, dialoga-se sobretudo com as reflexões de Octavio Paz (1972), para quem a poesia se define menos como um gênero literário e mais como uma experiência da linguagem, fundada no ritmo e na imagem. Para o autor, ritmo e sentido são inseparáveis, e a linguagem tende a retornar constantemente à poesia como sua origem, o que permite compreender a escrita de João Anzanello Carrascoza como uma prosa atravessada por procedimentos poéticos, mesmo quando organizada em forma narrativa.

No que se refere à forma breve, a análise aproxima-se das contribuições de Massaud Moisés (2006), que compreende o conto como uma estrutura narrativa de alta concentração semântica, na qual todos os elementos convergem para um núcleo expressivo central. Segundo o autor, a economia verbal, a elipse e a supressão do supérfluo são características fundamentais dessa forma narrativa, que se organiza em torno da intensidade e não da extensão. Essas reflexões permitem pensar a brevidade na obra de Carrascoza como estratégia estética que intensifica o lirismo e potencializa a participação do leitor.

Por fim, a leitura é compreendida como experiência ativa e sensível, na qual o leitor assume papel fundamental na construção dos sentidos do texto. Essa perspectiva sustenta uma visão ética da literatura, entendida como prática de encontro, escuta e desaceleração, em consonância com a poética defendida por Carrascoza em sua entrevista.

### ENTREVISTA COM JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: POÉTICA DA NARRATIVA, LIRISMO E FORMA BREVE

**Entrevistadora:** Você publicou duas coletâneas de poemas no início de sua trajetória. Como esse contato inaugural com a poesia formou sua sensibilidade literária e de que modo essa experiência poética desagua na sua prosa atual?

**Carrascoza:** Menino, vivendo na cidade de Cravinhos, onde nasci, aprendi a ler com trechos de histórias, mas logo as primeiras obras que encontrei na biblioteca da escola eram de poesia; o encontro com este gênero foi marcante para mim, especialmente pela exposição dos sentimentos dos poetas, pelas suas reflexões e pelos pontos de vista de cada um diante do mundo, além da musicalidade e do lirismo dos poemas. Como um misto de aventura juvenil e pretensa necessidade de me expressar, produzi inicialmente dois livros de poesia. Mas, quando, já tendo um projeto literário autoral, comecei a escrever prosa, que se tornou meu habitat na literatura, o gosto pela forma de escrita concisa, mas profunda, da poesia, em comunhão com meu modo de captar a vida, me levou a incorporá-la nos contos e,

depois, nos romances. Esse contágio da poesia com a narrativa é que foi territorializando o meu estilo.

**Entrevistadora:** Alguns de seus textos, especialmente micronarrativas e contos breves, apresentam forte condensação lírica. Você considera essas formas uma prosa poética, um poema em prosa, ou uma zona intermediária entre ambos?

**Carrascoza:** Eu penso que a mistura está sempre presente naquilo que escrevo, terra e água, os contornos e textura do solo se fundindo com a peculiaridade poética do líquido, embora o resultado possa pender mais para uma dessas linhas de força: ora sinto que fluiu de minhas mãos um texto em prosa poética, porque a ênfase está na narração do conflito entre os personagens, na trama propriamente dita que exige fatos (ainda que subjetivos), o barro em si; ora percebo que brotou um poema em prosa, definido de maneira precisa por Fernando Paixão, como "a arte da pequena reflexão", uma vez que este fruto textual tem a casca da prosa mas a polpa da poesia.

**Entrevistadora:** Sua escrita é marcada por imagens, ritmo, musicalidade e um cuidado especial com a linguagem. Como você compreende o papel da poeticidade na construção de suas narrativas?

**Carrascoza:** Como adiantei acima, a minha leitura inicial (e constante ainda hoje) de obras poéticas, cujo tônus se aloja na exploração dos sentimentos, do mundo interior, do eu lírico, elementos constitutivos majoritariamente da poeticidade, com os quais não tenho só empatia, mas plena junção, acabam sempre por desaguar no terreno de minhas histórias.

**Entrevistadora:** A forma curta: microconto, conto breve, narrativa condensada, ocupa lugar central na sua obra. O que o atrai nessa forma e como ela influencia o lirismo de sua escrita?

**Carrascoza:** Acredito que o meu encanto por essas formas breves, e a virtude ou defeito de produzi-las, vem justamente desse meu apreço e assombro pela poesia: quanto mais vida, menos se precisa dizer; quanto mais sabedoria, mais silêncio; quanto menos terra, menos água para regá-la.

**Entrevistadora:** Memória, infância, perda, relações familiares e afetos são temas recorrentes em suas histórias. Como esses temas se organizam no seu processo criativo? Eles surgem antes da linguagem ou a linguagem é que os convoca?

**Carrascoza:** A literatura é a via pela qual a vida vai se desdobrando em mim. Os temas não são algo externo que me chamam atenção, como se a paisagem que atravesso exibisse uma bandeja para eu me servir do que é oferecido ou daquilo

que obrigatoriamente vou me deparar. Os temas não são escolhas, os temas, na minha condição, são meus pés, meus olhos, minha pele sob o sol ou sob a tempestade, tudo que afeta meu corpo inteiro (com a alma que lhe cabe). Os temas são, portanto, meu próprio caminho, inclusive a parte do caminho que ficou para trás.

**Entrevistadora:** Sua formação e atuação como publicitário influenciaram seu modo de construir frases, selecionar imagens, sintetizar emoções e criar atmosferas? Em que medida essa experiência moldou sua prosa literária?

**Carrascoza:** Quando duas águas se encontram em nossa jornada, não há como uma não se misturar com a outra, água com água é que faz a escrita ter a cor, o odor, o furor (ou a calma) que a diferencia das demais. Todo estilo se faz com contaminações; se um rio é o curso de suas águas, é também o contorno de suas margens.

**Entrevistadora:** Você escreve para crianças, jovens e adultos. Como pensa os diferentes leitores ao escrever? Há diferenças de intenção, linguagem ou atmosfera quando se dirige a públicos diversos?

**Carrascoza:** Desde a sua nascente, um rio tem o seu jeito próprio de existir, suas partes fundas, seus bancos de areia. Deixo-o correr, sem me preocupar com quem vai entrar nele, e de que maneira, se nu, se com uma canoa, se veio nadar ou se vai pescar.

**Entrevistadora:** Muitos leitores relatam surpresa ao encontrar, em seus livros infantojuvenis, camadas de sentido que dialogam com o público adulto. Para você, existe uma fronteira real entre literatura infantojuvenil e adulta?

**Carrascoza:** A leitura, como a escrita, é um caminho. Para alguns o caminho é só a superfície do chão. Para outros, também as suas camadas subterrâneas. E há quem caminhe pela pele da terra, vá às suas profundezas, levite, flutue e até voe. O leitor é quem decide como fazer o caminho que a escrita traçou.

**Entrevistadora:** Sua obra é frequentemente trabalhada em escolas. Como você percebe a recepção dos jovens leitores? O lirismo ajuda a aproximá-los ou exige novas formas de mediação?

**Carrascoza:** Há leitores que se espantam com minhas histórias, eles veem de uma tradição na qual as histórias precisam ter um sem-número de acontecimentos marcantes, não imaginam que poderiam nascer de um quase nada, de trazerem em seu bojo fatos da vida cotidiana, de serem, em meio a autopistas luminosas da ficção, uma estradinha de terra, uma vereda de cascalho. Mas há outros leitores,

abertos à compreensão de que o olho grande da vida abarca também as coisas pequenas.

**Entrevistadora:** Em uma época marcada pela velocidade, pela ansiedade e pela saturação de estímulos, qual você acredita ser o papel da literatura, especialmente a literatura que aposta na delicadeza, no silêncio e na interioridade?

**Carrascoza:** O caminho não se move, segue sendo o mesmo, embora possa ganhar curvas novas, perder uma árvore à sua beira, receber uma cerca. Quem se move, veloz ou devagar, é o caminhante. Minhas histórias vão se delineando sem pressa, em respeito aos nossos limites humanos de assimilação: a vida não é tudo de uma vez, a vida é aos poucos.

## ANÁLISE

A entrevista evidencia que a formação literária de Carrascoza está vinculada ao contato inicial com a poesia. O autor associa sua sensibilidade estética à leitura precoce de poemas, destacando elementos como musicalidade, lirismo e exploração dos sentimentos. Essa experiência inaugural antecede sua entrada na prosa e também permanece como matriz estruturante de sua escrita, influenciando o ritmo, a economia verbal e a intensidade expressiva de seus textos narrativos. Essa centralidade do ritmo e da economia expressiva aproxima-se da concepção de Octavio Paz, para quem ritmo e sentido são inseparáveis na linguagem poética, sendo o ritmo o elemento que organiza a experiência do poema (PAZ, 1972).

Ao abordar a questão dos gêneros, Carrascoza recusa classificações estanques e assume uma escrita situada em uma zona de transição entre prosa e poesia. A recorrência de metáforas ligadas à natureza, como a fusão entre terra e água, sugere uma poética do hibridismo, em que narrar e poetizar são movimentos indissociáveis. Essa postura aproxima sua obra de tradições modernas e contemporâneas que problematizam os limites genéricos e valorizam a experimentação formal.

A centralidade da poeticidade em sua narrativa revela-se também na defesa da forma breve. Para Carrascoza, a contenção verbal não empobrece o texto, mas intensifica sua potência expressiva. A brevidade aparece associada ao silêncio, à sugestão e à confiança no leitor, que é convidado a preencher lacunas e a participar ativamente da construção do sentido. Essa concepção aproxima sua escrita de uma estética da elipse, na qual o mínimo enunciado concentra múltiplas camadas de significado. Tal procedimento dialoga com reflexões teóricas sobre o conto

enquanto forma de alta condensação semântica, em que cada elemento narrativo se orienta para um núcleo expressivo central (MOISÉS, 2006).

Os temas recorrentes de sua obra: memória, infância, perda, relações afetivas são apresentados como extensões da própria experiência de vida. O autor afirma que os temas são o seu caminho, sua forma de estar no mundo, o que aponta para uma literatura encarnada, na qual linguagem e experiência não se separam. Escrever, nesse sentido, torna-se um modo de elaborar o vivido e de reinscrever o passado no presente.

A entrevista também evidencia uma concepção ética da escrita no que se refere ao leitor. Carrascoza recusa a segmentação prévia do público e defende que o texto deve seguir seu próprio curso, independentemente de quem o lê. Essa visão desloca o foco da intenção autoral para a experiência do leitor, entendido como sujeito plural, capaz de acessar diferentes camadas do texto conforme sua trajetória, sensibilidade e repertório. Essa concepção converge com a ideia de que a obra literária se completa no ato da leitura, sendo constantemente recriada pela experiência do leitor, como observa Paz ao refletir sobre o caráter aberto do texto poético (PAZ, 1972).

No que diz respeito à circulação de sua obra em contextos escolares, o autor reconhece tanto o estranhamento quanto a abertura de jovens leitores diante de narrativas menos espetaculares e mais voltadas ao cotidiano. Essa tensão revela a importância da mediação da leitura, especialmente para legitimar formas literárias que apostam na delicadeza, no silêncio e na interioridade, em oposição a modelos narrativos centrados exclusivamente na ação.

Por fim, Carrascoza situa sua literatura como um gesto de resistência à aceleração do mundo contemporâneo. Ao valorizar a lentidão, o silêncio e o tempo da assimilação, o autor concebe a literatura como espaço de desaceleração e cuidado com a experiência humana. Nessa perspectiva, a literatura se configura como experiência de resistência simbólica, na medida em que suspende o tempo utilitário e instaura um tempo outro, próprio da vivência poética (PAZ, 1972). Nesse contexto, escrever e ler tornam-se práticas que se opõem à lógica da urgência e da saturação de estímulos, reafirmando o valor da escuta e da reflexão.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da entrevista com João Anzanello Carrascoza permite compreender a coerência e a densidade de sua poética, marcada pelo diálogo constante entre prosa e poesia, pela valorização da forma breve e pela centralidade da experiência sensível. Suas respostas revelam uma concepção de literatura que ultrapassa a dimensão técnica da escrita e se afirma como prática ética, estética e existencial.

Ao recusar classificações rígidas, segmentações de público e modelos narrativos espetaculares, Carrascoza constrói uma obra que aposta na delicadeza, no silêncio e na interioridade como formas legítimas de conhecimento e expressão. A literatura, em sua perspectiva, não acompanha a velocidade do mundo, mas oferece um espaço de pausa e aprofundamento, no qual leitores e textos se encontram em um tempo outro.

Dessa forma, a entrevista analisada ilumina aspectos centrais da obra do autor e contribui para reflexões mais amplas sobre o papel da literatura contemporânea, especialmente em contextos educativos e culturais que demandam práticas de leitura mais sensíveis, críticas e humanizadoras.

## REFERÊNCIAS

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2006.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.